19-08-2025

CEARÁ

Josué Euclides Hetinguer
(Empreendedor – Economista Doméstico)

Pensamentos voando nas dunas do meu cérebro e a viagem começando a terminar. Terminar uma viagem é quase igual a começá-la. Você nunca sabe se foi bom e sempre acha que foi ótimo. O começo é sempre o fim de algo. E o fim é sempre a dúvida sobre o início. Tudo é parte de um todo que a gente nunca sabe onde começa e, portanto... (nunca sabe onde termina). Quando saí do Rio Grande do Norte e entrei no Ceará me deu um frio na espinha. Eu evacuava e me dava um frisson esquisito no ânus. Nunca tinha sentido isso, mas achei que era um bom augúrio. Não proclamei o presságio, mas não o desprezo. Era um tempo novo. Eu sabia que alguma coisa superior a mim me guiava. Deus não era, pois se bem o conheço, nos insufla de injustiças. Não fora assim, um mundo de Deus seria mais divertido. E menos bélico. Rumei. Quando cheguei em Jericoacoara, eu já não estava preocupado em falar com ninguém. Nada contra alguém, até porque tudo o que eu havia aprendido até ali seria, se fosse culinária, um risoto de almas falantes ou um ensopado de falas triunfais, tipo cardápio libertário. Eu já estava no meu destino, só não sabia que ia encontrar Ednardo. Cheguei lá em 24 de novembro de 2009. O cara (Ednardo) que encontrei sem encontrá-lo tinha expulso de sua alma uma música chamada Terral, em 1973. Ora, eu estava em 2009, 36 anos depois da música, um idiota em Jericoacoara, sem conhecer o Brasil. Quanto eu perdi na minha vida chegando ao fim da minha viagem sem saber o que eu precisava achar? Em Jericoacoara, chegando ao fim da minha viagem comecei a saber o que eu estava buscando. Peguei aquela música como se fosse a minha bíblia que falava comigo. Cada versículo é uma sentença para a tomada de posição: *Eu venho das dunas brancas / Onde eu queria ficar / Deitando os olhos cansados / Por onde a vida alcançar.* Olha que bom! Eu não vinha das dunas brancas onde eu queria ficar, eu estava chegando nelas. Vindo lá de um sul exótico *talhado-para-o-nazi*, com meus olhos cansados que me impulsionavam para onde a vida alcançasse... Exatamente didonde meu camarada Ednardo vinha. E o Ceará me dizia, depois de sair de lá do longe de Santa Catarina: *Meu céu é pleno de paz / Sem chaminés ou fumaça / No peito enganos mil / Na Terra é pleno abril.* Aí está! Em 1973, o anúncio das mudanças climáticas, a chamada pra luta contra o modelo de desenvolvimento, os enganos de nossos governantes enganadores e a vergonha do abril do nosso descobrimento ainda não descoberto (ou encoberto). Tudo ali no Terral do Ednardo. Ainda bem que ele sabe. *Eu tenho a mão que aperreia / Eu tenho o sol e areia / Sou da América / Sul da América / South América / Eu sou a nata do lixo, eu sou do luxo da aldeia / Eu sou do Ceará.* De Genipabu a Jericoacoara são 825 km. De Genipabu até Icapuí, já na divisa do Ceará, são ± 280 km, mas, me permiti dar uma enlouquecida. .....

Antes de chegar no meu destino (Fortaleza) eu resolvi apontar o dedo pro final do Ceará, quase no Piauí. Acho que foi a mania de corretor de imóvel que me levou a fazer isso. Quando eu ia ver um apartamento novo do meu portfólio eu andava a rua toda onde ficava o prédio. Quando a rua era muito comprida eu ia de bicicleta. Começava no início, passava pelo prédio que seria "meu" pra negociar os apês, ia até o final e voltava pro meu destino, onde ia conhecer o imóvel e fazer as anotações do que observei da rua onde ficava. Alguns clientes ficavam curiosos quando eu descrevia "tudo" o que tinha - residências, comércios, igrejas, serviços públicos, como educação, saúde etc. -. Sempre perguntavam: *você mora por aqui?* Eu ria. E pra conquistar o(s) cliente(s) eu dizia que não morava, mas adoraria morar naquele lugar que eles estavam pensando em viver. Sei que é meio conversa de vendedor, mas eu sentia que estava sendo útil naquela tomada de decisão. Geralmente eram casais. Alguns ainda pensando em casar. Pessoas simples. Algumas ali na minha frente jogando todas as suas economias pra ter sua primeira casa própria. Eu sentia uma mistura de ternura com hipocrisia, mas no final, na linha que separa uma da outra eu colocava meu pé meio metro pra dentro do lado da ternura. Precisaria saber o tamanho de cada lado pra saber se meio metro era suficiente. De qualquer modo, isso me dava alegria. *Aldeia, Aldeota / Estou batendo na porta pra lhe aperrear / Pra lhe aperrear, pra lhe aperrear / Eu sou a nata do lixo, eu sou do luxo da aldeia / Eu sou do Ceará.* Enquanto eu ia costeando o alambrado pra não passar em Fortaleza, ao ir pra Jericoacoara eu pensava na minha antiga profissão que, ali naquela hora, era uma espécie de sarcófago. Antes uma explicação. Costear o alambrado era uma expressão do Leonel Brizola que meu tio Alfredo, o único anti-nazi da família, costumava usar. Lá em casa, e em todas as adjacentes, Brizola era a própria versão brasileira do demônio, pior hoje que o Lula (talvez) para os fascistas bolsonaristas. E eu adorava meu tio Alfredo quando ele aparecia nas festinhas da família. Eu não entendia bem o que ele falava, mas gostava das expressões que ele usava imitando aquele sotaque gaúcho que despertava raiva na catarinada. Eu gostava de gostar de quem era desgostado pelo meu povo *talhado-para-o-nazi*. Acho que ali, bem jovenzinho, eu iniciei essa viagem que relembro agora. Costear o alambrado foi uma das poucas coisas que entendi bem. Eu não queria ir direto pro olho do furacão - Fortaleza - onde eu ia mudar minha vida. Achei que precisava costear e passar batido, direto pra Jijoca (de Jericoacoara). Juro que eu escolhi sem saber do que se tratava aquilo. Nem Ednardo eu conhecia. Eu apontei o dedo pro Piauí e pensei: *vou lá onde o meu vento faz a curva e volto devagar pra Fortaleza, sem entrar direto na coisa*. Afinal, a pressa de chegar devia ser suprimida pelo devagar da prudência. Eu estava bem devagarzinho dando uma seguradinha no meu destino. ■■■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.